





# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
REDACTOR PRINCIPAL—ALEXANDRE VIEIRA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
Editor—CARLOS MARIA COELHO



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA  
ANO III—Número 878  
Sábado, 1 de Outubro de 1921  
PREÇO 5 CENTAVOS

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.<sup>a</sup>  
Lisboa—PORTUGAL  
Endereço telegráfico: *Talhaba-Lisboa*—Telefone 5339  
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

**Trabalhadores!**  
Hoje, sábado, dia que destinais à aquisição dos gêneros com que, ou melhor ou pior, alimentais os vossos filhos, lembrai-vos de que na Rússia, a esta hora, choram muitas mães por não encontrarem o alimento que as crianças esfamadas reclamam.  
**Subscrevei a favor dos russos que teem fome!**

## PELA LIBERDADE E PELO PROGRESSO PELA EMANCIPAÇÃO DA RAÇA NEGRA

Onde se analisa o Congresso Pan-Africano—Não é possível a libertação dos negros sem a libertação do proletariado—A questão da raça negra é uma grande ramificação da questão social

Já aqui escrevemos que o movimento emancipador dos negros é hoje um facto incontestável e que, amanhã, não haverá armas, nem exércitos, nem violências dos governos coloniais que consigam sufocar a ansia de libertação, que em todo o mundo se verifica, dessa raça secularmente escravizada.

Agora propomos numa série de artigos esclarecer a opinião pública e, particularmente, a opinião operária do país, sobre os fundamentos essenciais desse movimento, o espírito que o anima, os fins supremos que tem em vista atingir e os meios que a raça negra, organizada em todo o mundo, pretende usar na sua formidável luta em prol das suas reivindicações de direito e de justiça.

Antes de tudo, porém, achamos conveniente definir o estado do problema negro na actualidade e os termos em que está posto, em primeiro lugar, por aqueles mesmos que, mais directamente, tal problema interessa.

Nestas condições, principiaremos por dizer ao público a verdade dos factos ocorridos no 2.º Congresso Pan-Africano, realizado em Londres, Bruxelas e Paris, especializando aqueles que melhor caracterizam o pensamento negro e os seus anseios de liberdade e de progresso.

### As sessões do Congresso realizadas em Londres—A libertação dos negros não advirá da generosidade dos dominadores.

As sessões inaugurais do 2.º Congresso Pan-Africano, realizadas em Londres, tiveram, até um certo ponto, uma significação favorável aos desejos da raça negra.

Realizaram-se na "Central-Hall Westminster" nos dias 28 e 29 de Agosto p. p., sob a presidência do dr. Alexandre Quessada em termos calorosos o congresso e a raça negra, e disse que, em grande parte, a situação de inferioridade política dos negros é devida à sua própria culpa, pois não tem querido reconhecer, francamente, pelo caminho das lutas intransigentes pelos seus direitos, porventura, na esperança de que a obra da sua libertação possa advir da generosidade dos seus dominadores.

M. White, um dos delegados da "National Association for Advancement of Coloured People", trata da condição política e social dos negros, em especial, no norte da América, e diz que se essa condição tem melhorado é porque os dirigentes do povo negro tem sabido abandonar a orientação subserviente e hipocrita para adoptar processos novos de luta franca, a um tempo considerada sob o triplice aspecto político, económico e social.

### Durante os últimos trinta anos, na América, segundo as estatísticas oficiais, foram linchados 42.256 negros

M. White refere-se, com palavras repassadas de indignação, ao trágico destino dos negros na América do Norte cujo número de vítimas, segundo as estatísticas oficiais que leu, atinge, em menos de 30 anos, muitas dezenas de milhares, ou sejam, 42.256 mortos.

Um dos factos, porém, culminantes e que mais apalhou não só as reuniões pan-africanas de Londres, mas igualmente a de Bruxelas e a de Paris foram as declarações e a moção do dr. W. E. Burghard Du Bois, chefe da "National Association for Advancement of Coloured People" (Associação Nacional dos Progressos dos Negros), e antigo professor de história e economia política na Universidade de Atlanta.

Mr. Burghard Du Bois começou a exposição do seu programa por dizer: "vimos para proclamar em face dos negros de todo o mundo, que existem interesses comuns, qualquer que seja a sua terra, a todos os homens da raça negra".

E continuando com um tom de voz firme acrescenta, voltando-se para os amigos de Mr. Du Bois: "o melhor serviço que se pode prestar a um país é dizer-lhe toda a verdade".

### "Trabalhadores brancos tende cuidado! Quando vos fazem marchar contra os trabalhadores negros é contra vós mesmos que marchais!"

E, depois de se referir ao último congresso pan-africano, afirma que o ideal dos negros americanos, que pode ser encarado sob aspectos múltiplos, tem, como essência, este princípio: "é necessário que a guerra não volte de novo; é preciso estabelecer a fraternidade entre os povos e, por isso, criando o nosso movimento damos um grande passo para a paz definitiva no mundo".

"Portanto temos que mostrar ao mundo qual é a situação desta raça negra".

"Sabemos que na América a nossa situação é terrível,

mas também sabemos que em nenhum país estamos em segurança."

As últimas palavras de Dubois são uma enternecida apologia do proletariado — cujos sofrimentos considera muito semelhantes aos da sua raça.

Por isso remata M. Burghard Du Bois: — "Trabalhadores brancos, tende cuidado! Quando nos fazem marchar contra os trabalhadores negros é contra nós mesmos que marchais!"

### Foi notável o discurso de Du Bois acerca do movimento africano e das suas relações com os trabalhadores

Este discurso do dr. Dubois, professor da Universidade de Atlanta, historiador e economista notável, na parte que se refere à necessidade dum entendimento entre as organizações nacionais e internacionais do operariado, não deixa de ter um interesse especial para os trabalhadores. Por isso torna-se necessário, antes de proseguirmos na exposição dos factos que caracterizaram a última sessão de Londres do Congresso Pan-Africano, sublinhar o significado das referidas declarações do dr. Du Bois, expressando, embora indirectamente, o que elas querem significar.

Fundamentalmente revelam elas que os afro-americanos, representados no dito congresso por um dos seus mais prestigiosos "leaders"—continuamos a referir-nos ao dr. Du Bois,—se interessam com os problemas, particularmente graves, que dizem respeito ao operariado.

Isso mesmo afirmou M. Du Bois, nestas palavras concisas: "queremos estudar os problemas dos trabalhadores, para melhor nos poderemos pôr em contacto com eles".

E para não deixar dúvidas no espírito de ninguém e muito menos no dos adeptos da orientação de M. Blaise Diagne acrescentou ironicamente: "e não temos receio que certos leaders da raça negra, sobrepondo aos interesses comuns da sua raça os seus interesses pessoais, sirvam melhor os capitalistas do que os proletários".

### Os negros são, como os trabalhadores, vítimas da tirania política e da iniquidade económica do capitalismo.

Não há dúvida que os afro-americanos colocaram bem a questão porque, assim como os trabalhadores, ao lado das suas reclamações tem que pôr sistematicamente a questão da libertação da raça negra oprimida, os negros que são, como os trabalhadores, vítimas da tirania política e da iniquidade económica do capitalismo, para melhor servirem os interesses da sua causa não podem deixar de considerar as reivindicações dos *forçados da fome* e sentil-as como se fossem suas próprias.

Mas voltamos à nossa exposição dos principais assuntos e resoluções votadas no Congresso Pan-Africano, em Londres.

Dissemos já que os factos que mais notoriedade tiveram nas sessões pan-africanas de Londres foram, além das declarações produzidas nelas, pelo dr. Du Bois, a sua moção votada por aclamação.

### Du Bois apresentou uma moção que foi aprovada por aclamação—A igualdade de raças e a igualdade dos direitos entre todos os homens.

Os pontos de vista capitais dessa moção, que é extensíssima, são, sob o aspecto político, os seguintes:

- 1.º a igualdade absoluta das raças;
- 2.º a igualdade absoluta de direitos entre todos os homens;
- 3.º a criação nas colónias de África de governos autónomos, formados por negros;
- 4.º a constituição dum Estado Livre Negro, em que os elementos da raça negra possam à vontade, desenvolver-se.

E sob o aspecto económico, o dr. Du Bois considera como fundamental e interessante, neste momento, aos negros de todo o mundo que as terras que foram usurpadas aos negros, quer pelos indivíduos, quer pelos estados, sejam restituídas aos seus primitivos detentores que, em comum, as usufruam, e, em comum, devam continuar a usufru-las.

Esta é a essência da moção a que as reuniões pan-africanas de Londres deram a sua sanção no meio de indescrevível entusiasmo.

Deixamos por hoje, sem comentários os princípios que se contêm na moção do dr. Du Bois, porque mais adequadamente seremos a isso obrigados porquanto, como vai ver-se, esses princípios foram o "ponto de partida" e causa dos tumultos que se deram nas sessões realizadas no "Palais Mondial" em Bruxelas, os afro-americanos e os afro-franceses da "coterie" de M. Diagne.

### O nosso folhetim

A BATALHA iniciará na próxima sexta-feira, 7 do corrente, o interessante folhetim que temos anunciado.

### A revolta da carne

é o título da obra literária, flagrante de actualidade, de carácter realista, que, devido à pena sugestiva do nosso camarada

### Mário Domingues

tam conhecido e estimado do público operário, vai encontrar os nossos leitores, pelo conceito de moral superior que ele sabe imprimir aos seus escritos.

### A revolta da carne

é uma análise profunda aos costumes lisboetas e provará que os inúmeros preconceitos que a moral burguesa criou em volta das relações amorosas, em vez de contribuir para o aperfeiçoamento moral e físico da humanidade, antes a desmoraliza e define.

### em mangas de camisa

Há de sair... Há cerca de seis meses que o problema da ordem pública constitui a preocupação dos governos e a ansiedade dos burgueses pacatos e amigos da ordem.

Rebenta hoje, rebenta amanhã, rebenta esta madrugada às três, às duas horas—e às duas por três a tal revolução não rebenta. Acontece, às vezes, encontrarmos nos com um daqueles amigos que estão no segredo dos deuses, que é como quem diz, no segredo dos revolucionários.

Então—preguntamos-lhe—quando vem essa revolução?

Esse amigo, em geral, passa o olhar desconfiado por tudo que o cerca e diz em voz baixa, mas num tom enérgico, que revela força, muita força oculta:—Há de sair...

### O bailado das horas

O bailado das horas sofre modificação no dia 14 deste mês. Quando, leitores, as doze badaladas da meia noite soam no relógio da casa de jantar, é tratar de atirar-lhe o dia 14, quando baterem as 24, não são 24, são 23 horas. Depois, mais tarde, já para meados do ano que vem a hora dará outra cambalhota. Quando forem 23 não são 23, são 24 horas. Dura este bailado bizarro das horas que são e das horas que não são

## A Reação na Alemanha e as suas causas

Os acontecimentos desenvolvem-se segundo uma lógica estranha, e só os dirigentes se desconcertam, por estarem bastante embutecidos pela detenção do poder, e pretendem pelo emprego da sua vontade impedirem as naturais consequências dos seus actos e o seu lógico e pleno desenvolvimento.

A actual situação da Alemanha e a forma porque ela é encarada pelos dirigentes ocidentais, são novas provas do poder infragível dos acontecimentos e da imbecilidade dos detentores do poder. São os capitalistas dirigentes da França e da Gran-Bretanha as causas eficientes do revivimento momentâneo do pangermanismo, do kaiserismo e do conservantismo germanico. Tem sido eles que estupidamente—vejo-me obrigado a empregar estas expressões fortes, pois que bom seria que os pangermanistas e o kaiserismo já não existissem na Alemanha, como se prova pela leitura dos jornais, e sobretudo pela do *Temps*. São portanto eles quem estupidamente prepararam todas as condições que deviam necessariamente paralisar em parte a democratização da Alemanha, dar força aos kaiseristas e pangermanistas e criarem este estado de coisas que o coronel Rebul descreve com precisão e verdade na *Alemanha e as suas traquinagens*.

Quando os soldados alemães, exgotados literalmente, fatigados da guerra e das suas misérias, recusaram continuar a baterem-se e se revoltaram, em Outubro de 1918, o Kaiserismo alemão estava vencido, e não o povo alemão. O imperador e os generais alemães consideraram-se batidos e só pensaram em salvar na derrota o que podiam salvar. Os dirigentes ocidentais a 1918 se prestaram encarregando um militar profissional de estatuir as condições do armistício.

Numa mesma profissão todos são colegas e confrades ainda que separados nacionalmente, isto é, há independentemente das fronteiras e das nações comunidade e muitas vezes identidade de interesses entre indivíduos da mesma profissão, donde resulta que o interesse profissional liga sempre internacionalmente os indivíduos. A sabedoria das nações assim o constatou nesta velha máxima: "Os lobos não se comem uns aos outros".

Como, portanto, os lobos se não comem uns aos outros o Marechal Foch não desajava mostrar desagrado aos seus colegas: o Marechal Hindenburg e os outros oficiais alemães. E de tudo isto resultou que as condições do armistício

há uns poucos de anos, desde que a guerra fez bailar os miolos dos governantes a dansa macabra da loucura. E, hoje, 1 de Outubro de 1921, ainda o mundo não sabe as quantas andas.

### Homem de confiança

O sr. Barros Queirós, sabendo que eram preciosas as suas declarações acerca do caso dos "Cincoenta milhões de dólares", foi ontem fazer o seu depoimento, sem que ninguém o "hamasse". O dr. Afonso Costa, que toda a gente chamava, em vez de vir de Ceta a Lisboa contar o conto tim-tim por tim-tim, partiu de Ceta para Paris, sem dizer água vai. Mas quem é que está para aí a fazer mais juízos do Afonso? O Afonso é o Afonso e não tem satisfação a dar a ninguém. O Afonso é um homem de confiança. Pois se o ministro das finanças acaba de encargar-lhe das negociações financeiras na praça de Londres!

### Paguem a quem tem fome

Dissemos há dias—quando *A Manhã*, contrariada por nós convidar-mos o proletariado português a contribuir com donativos a fim de minorar a fome na Rússia, nos perguntava porque não fazíamos idêntico convite a favor dos famintos de Cabo Verde—que a fome naquela província ultramarina era da culpa exclusiva dos governos da metrópole. *A Manhã* embespouhou-se toda e disse coisas feias. Se nós dissermos agora que os governos da metrópole comeram a colónia faminta, nada mais, nada menos de 1.750 contos, que diriam os nossos patriotas? Que belas sopas fariam os famintos de Cabo Verde, se o governo lhes pagasse os 1.750 contos que lhes deve!

Le e dar a ler a outros *A BATALHA* e fazer propaganda, e semear para colher.

do deixaram intactos todos os quadros gerais e superiores do exército alemão. Forçou-se a entrega do armamento mas não dos oficiais, quando era necessário fazê-lo. O pensador de menor categoria e o menos psicólogo não o ignorava.

Era necessário decapitar o exército alemão exigindo a entrega de muitos milhares de oficiais gerais e superiores. Mas esta entrega, que voluntariamente teria sido feita pelos soldados revoltados, iria auxiliar o desenvolvimento da revolução socialista e democrática na Alemanha, e disto tinham sobretudo medo os dirigentes ocidentais.

Por causa alguma, queriam uma revolução séria na Alemanha. E a prova foi dada pelo exército de Von der Goltz e o do coronel Bermond na Prússia Oriental, etc.

O Bolchevismo era o verdadeiro inimigo e não o pangermanismo Kaiseriano.

Os pangermanistas perceberam isto bem e tomaram alento. Penetrados do espírito autocrata, tornaram-se rapidamente audaciosos.

Para eles como para os Jesuítas, o fim justifica os meios! E por isso assassinaram Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Kurt Eisner, Gustav Landauer, etc.

Mais de 300 assassinatos políticos tem cometido até agora os Kaiserianos-pangermanistas. Mostram com isto audácia. Enquanto que os socialistas majoritários não compreendiam que para democratizar a Alemanha, era necessário abater pelo ferro e pelo fogo os Junkers e o pangermanismo. Praticaram o erro enorme de auxiliar com Noske a manter a ordem, que era na realidade a desordem capitalista, e a subjugar os revolucionários.

Presentemente tudo o que os capitalistas ocidentais, os pangermanistas e os "leaders" dos social-democratas alemães semearam e cultivaram brota vigorosamente. Nunca após a queda do Kaiser se mostrou mais forte o pangermanismo e a reacção.

Os dirigentes ocidentais tremem, mas é tarde. Terão que suportar as consequências dos seus maneios, isto é, assistem enfim à revolução verdadeira na Alemanha.

Paris, Setembro, 1921.

Augustin Hamon.

## O momento internacional

TCHECOSLOVAQUIA  
O novo gabinete não promete ser sensivelmente diferente do precedente, pois que a reacção continua a dominar da mesma forma.

Os Erhardt e os Ludendorff não cessam de a sua propaganda monárquica, e todos aqueles a quem Wirth desmascarou, esperam ocasião oportuna para dele se vingarem.

Já em Berlim começou a campanha contra ele iniciada pelo presidente do conselho prussiano Stegerwald de colaboração com Stresemann, chefe do partido popular.

Os representantes das duas Alemanhas agitam-se. Uns querem dar força aos elementos da direita, enquanto outros desejam inclinar a balança para a esquerda, a fim de consolidarem a república.

### NA FRANÇA

No norte o movimento continua magnífico.

Apesar de algumas classes terem já retomado o trabalho, o movimento ainda continua com grande entusiasmo entre certas classes.

Em Roubaix e Tourcoing os operários realizaram demonstrações grandiosas acclamando a greve *à outrance*.

Quando os operários duma fábrica, em Roubaix, em número de trezentos iam retomar o trabalho, souberam que a direcção tinha-lhes reduzido o salário de quatro sous por hora, e recusaram-se a trabalhar, e declararam que resistiriam a todos os ataques.

### NA ALEMANHA

A confusão política  
A crise política aberta na Baviera terminou pela demissão do governo presidido por von Kahr, que foi substituído pelo conde Lerchenfeld. O novo presidente, antigo candidato dos populares, obteve agora 86 votos, tendo os nacionalistas votado contra ele.

### POR ESSE MUNDO...

### A situação internacional

Enquanto em Genebra o Conselho da Liga das Nações perde o seu tempo com inutilidades, as condições políticas e económicas de todos os Estados vão piorando cada vez mais.

Na Alemanha a crise económica, devida sobretudo às exigências da *Entente*, vai excitando e exaltando os ânimos, provocando diversos e antagonísticos movimentos, que perturbam a vida do país. Assim os montes quicam agitam-se com o fim de restaurarem o regime dos Hohenzollern e os regionalistas aproveitam-se da gravidade da situação para por em prática a sua política separatista.

Quanto às classes proletárias procuram agora organizar a frente única, a fim de defenderem a república contra as ameaças da reacção.

A Áustria e a Hungria continuam envolvidas em questão por a segunda se negar a entregar à primeira a região de Burgenland. O mesmo sucede entre a Hungria e a Iugoslávia a propósito da Baniina, tendo os sérvios já ocupado esta região.

Na Roménia, onde a reacção domina, estão fazendo preparativos para invadirem a Ucrânia.

A Espanha continua a enviar tropas para Marrocos, enquanto em diversas cidades rebentam tumultos, que manifestam o estado de espírito anti-guerrero das populações.

Na Inglaterra movimentam-se os operários em trabalho, realizando-se

frequentes demonstrações nas cidades mais industriais, acompanhadas sempre de prisões de trabalhadores e de socialistas.

Na Suíça o partido socialista, que tinha aderido com reservas à Internacional de Moscúvia, resolveu agora juntar-se à Internacional de Viena.

### Rebeldias

Os armazéns "Printemps"—os colossais armazéns "Printemps" que os novelistas franceses citam e que o forasteiro, logo que chega a Paris, corre a visitar, a perder-se naquela Babilónia de roupas brancas, de artigos de novidade, de chapéus de senhora, de fatos de homem—estão em chamas.

O fogo violento e destruidor que tomou de assalto esse "Grandela" de Paris, deu ou vinte vezes maior do que o "Grandela" de Lisboa, não se extinguirá enquanto a última camisa de senhora não se transformar em cinza, em nada.

As "elegantes" de Lisboa que esperam os catálogos de outono que o "Printemps"—o ditador da moda feminina—faxia distribuir todas as estações, por esse mundo fora, de Pekin a New-York, do Cabo a Cristiana, devem estar a esta hora chorosas e tristes.

Os grandes incêndios, mesmo quando não os presenciarmos, assombram. O fogo devorador que neste momento está reduzindo a pó esse grandioso monumento de futilidade, que era o "Printemps", adressou, por todo esse

globo, as ansiosas pulsações do coração daqueles e daquelas que pautavam os seus gestos, o seu andar, o seu vestir pelos figurinos, estilizados e inestéticos dos grandes armazéns.

Dizem os jornais, em tom de lástima sentida, que os prejuízos causados pelo incêndio impiedoso sobem já a 50 milhões de francos. Quantos não terão lamentado a sorte dos proprietários do "Printemps", que devem estar, certamente, todas as suas propriedades no seguro? Ninguém se lembra, porém, da angústia, do pavor, perante a expectativa da fome, das centenas de costureiras, de modistas das robes e de chapéus, que o "Printemps" explorava e que para poderem viver, todas as noites, após a labuta extenuante dos "nellers", escondendo as amarguras da vida, falam de sorrisos nos lábios, procuram pelos "boulevards" e pelos cafés quem, mediante um beijo ou uma noite de amor, lhes comprasse uma daquelas lindas peças de veludão que as suas mãos adoráveis confeccionam para o mundo do luxo vestir.

Mário DOMINGUES

### Ler na 2.ª página:

Os protestos do operariado contra os três tipos de pão

O comício de amanhã

## Que a nova fase de A BATALHA seja o início de vida nova para o proletariado

A remodelação de *A Batalha* começa hoje a fazer-se. Dizemos que começa hoje porque quanto a remodelação completa dum jornal não se faz repentinamente, tem que ir pouco a pouco. O primeiro grande passo está dado. Foi dado com grande sacrifício—mas deu-se. O resto compete mais ao proletariado e aos simpatizantes de *A Batalha*. Estão lançadas as bases para se formar um grande jornal. Agora falta o público corresponder ao nosso esforço. Um jornal só é verdadeiramente grande quando o público o compreende e auxilia, pelo menos moralmente.

Essa grande força moral que é a opinião operária deve estar ao nosso lado, em todas as circunstâncias: nas más e nas boas.

O jornal popular, como *A Batalha* é, tem o dever de escutar os lamentos do povo, de ver e estudar as suas necessidades morais e materiais, de agitar as questões de interesse colectivo, de atacar todas as immoralidades que afectem o povo trabalhador em especial e a população portuguesa em geral, tanto na organização do trabalho, como na arte, na literatura, na ciência, em toda a parte. Mas para que a propaganda benéfica de *A Batalha* seja eficaz, é necessário, absolutamente necessário, que o povo trabalhador anime os que aqui trabalham, interessando-se pelas suas campanhas, secundando-as pela palavra e—o que seria muitas vezes melhor—pela acção, dizendo

### TRABALHADORES

LÊDE E PROPAGAI

## A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.ª LISBOA, TELEFONE 5339  
A PARTIR DO DIA 1.º DE OUTUBRO DE 1921, A BATALHA APRESENTAR-SE-Á COMPLETAMENTE REMODELADA.

aos amigos e conhecidos que *A Batalha* é dos poucos jornais honestos que existem em Portugal, correspondendo aos apelos que aqui fazamos, auxiliando materialmente a grande obra de regeneração que *A Batalha* encetou há cerca de dois anos e meio e que neste momento pretende tornar maior, mais forte e mais bela.

Se fosse possível pela palavra vibrante transmitir neste momento—neste hora em que a nossa pena corre ansiosamente sobre o papel, animada da nossa fé inquebrantável num futuro melhor, numa vida nova e sadia de luta leal—se fosse possível, repetimos, transmitir aos nossos leitores o entusiasmo que nos enche o peito e os receios de que o esforço não seja compreendido em toda a sua plenitude, temos a certeza de que todas as almas sedentas de regeneração que nos têm sentiram connosco o nosso entusiasmo e, plenas duma energia nova, conseguiriam fazer com que todo o povo trabalhador se puzesse subitamente a nosso lado, pronto a acompanhar-nos na marcha enocetada para a liberdade e para a perfeição.

*A Batalha* vai, pois, encetar uma vida nova, na esperança de abrir brecha profunda na sociedade decadente que nos rodeia.

*A Batalha*, estamos convencidos, encontrará no público honesto, no público que sofre e que paga, todo o apoio de que necessita.

Amanhã esperamos.







